

Saudação ao Acadêmico Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro em seu ingresso na Academia Nacional de Medicina

Peço vênua a Vossa Excelência, Senhor Presidente, para antes de saudar o Acadêmico Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, homenagear à mulher brasileira, nas pessoas das oito mulheres de sua vida. Não se assustem, todas elas são de sua família. A sua mãe, professora Lia Catão Ribeiro, suas duas irmãs arquitetas Cássia e Regina, e as duas médicas Maria Elizabeth Castello Branco, minha ex-aluna de doutorado e sua ex-companheira, que lhe deu as duas charmosas e queridas filhas Carolina e Mariana, e principalmente a sua atual esposa Patrícia Brasil, minha querida amiga e colega de especialidade, que lhe deu a linda filha, Maria, de olhos negros aveludados, muito meiga e dengosa, uma gracinha, segundo a sua própria avó, mãe do Cláudio, a quem reverencio neste momento, usando suas próprias palavras, no emocionante livro que me ofereceu (através do Cláudio) já no seu leito de morte, em 2005, intitulado “Minha Vida”.

Assim se pronuncia Lia Catão Ribeiro sobre a mulher, na página 152 do seu livro: “Hoje, se fala muito na emancipação feminina, mas eu pergunto: Quem é você mulher? Que tem em suas mãos, o poder de toda a transformação? Que faz de um pequeno lugar, um ninho de amor e afeição? Que abriga dentro de si o calor do afeto e a imensidão do amor? Que é capaz de sorrir quando sente vontade de chorar, que é capaz de calar, quando quer falar, que é capaz de rezar, quando custa a crer? Que acredita no amor quando à sua volta reina o desamor, que é capaz de amar quando todos ensinam a odiar, que busca sem trégua a verdade, num mundo de mil mentiras, que é capaz de perdoar quando todos querem condenar? Que afaga, que critica, que repreende, que educa, que defende, que incentiva, que corrige e que ensina a orar? Você repete sim à verdade, você repete sim à paz, você repete sim à coragem, ao carinho, à fé, à união e ao amor, porque você é carinho, é dedicação, é fé, é união, é coragem, é amor, sobretudo porque você é mulher!” Esta, minhas senhoras e meus senhores, é a canção de uma Mulher-Mãe ou de uma Mãe-Mulher.

Senhor Presidente, Acadêmico Pietro Novellino

Senhores Membros da Mesa de Honra e autoridades presentes

Senhoras e Senhores Acadêmicos

Convidados, parentes e amigos de Cláudio Ribeiro

Meu querido amigo Ayrton Daniel-Ribeiro a quem dedico as palavras que direi sobre seu filho, Acadêmico Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro e sobre a sua linda família, neste breve discurso de saudação.

Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, segundo filho do Aviador e Engenheiro Ayrton Daniel-Ribeiro e da Professora Lia Catão Ribeiro, a quem já me referi, nasceu em 19 de agosto de 1952, na Maternidade Santa Lúcia, quando a família ainda

morava na Rua Ramos da Fonseca 104, em Lins de Vasconcelos, onde Cláudio viveu os dois primeiros anos de sua vida.

Cláudio com os seus quatro irmãos, Cássia Maria, arquiteta e irmã mais velha, Regina Aparecida, também arquiteta, Marcus Tadeu, engenheiro civil, professor e historiador da arte e Ayrton Daniel-Ribeiro Filho, médico ginecologista-obstetra, seu irmão mais jovem, constituem uma harmoniosa família, criada com o maior carinho e amor por seus pais, Lia e Ayrton. Depois de idas e vindas por Natal, Urca e Praia Vermelha, onde Ayrton faria, no final da década de 1950 / início de 1960, o curso de Engenharia Civil no famoso Instituto Militar de Engenharia (IME, pelo qual o meu filho Evandro se formaria em Engenharia Elétrica anos depois), a família mudou-se, em 1963, para uma casa na Rua Barão da Torre 482, em Ipanema. É onde até hoje mora o patriarca Ayrton Daniel-Ribeiro e onde passaram parte da infância e a adolescência seus cinco filhos, os quais poderiam ter sido chamados por Vinicius de Moraes de garotas e garotos de Ipanema.

Certamente, sem nos conhecermos, nos encontramos muitas vezes na Urca ou na Praia Vermelha, onde estudei Medicina na inesquecível Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, na mesma época em que Ayrton fazia seu curso de Engenharia no IME. Quem sabe Cláudio e Evandro, meu primogênito não foram colegas na Escola Pública Minas Gerais e/ou no Colégio Andrews, onde ambos estudaram. Como Voltaire, não acredito em acaso, mas como espiritualista, não espírita, acredito em destino, como o Marquês de Maricá (Mariano José Pereira da Fonseca), simpatizante de Tiradentes, que em suas máximas, pensamentos e reflexões, escreveu certa vez: “Explicai o acaso e o fatalismo pela providência divina, e tereis resolvido grandes problemas sobre a natureza, sorte e condição humana”.

O inteligente e inquieto jovem Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, após os seus estudos fundamentais no Colégio Militar do Rio de Janeiro, teve uma formação médica diversificada na Fundação Otacílio Gualberto de Petrópolis, no curso básico, na Fundação Técnico Educacional Souza Marques e na Escola de Medicina e Cirurgia no ciclo clínico e internato, quando teve grandes mestres, entre os quais destaco: Charles Esberard em Fisiologia, o meu querido amigo Hiss Martins Ferreira em Biofísica, Otílio Machado em Parasitologia, Barros Terra em Bioquímica, Bernardo Couto e Sergio Novis em Neurologia, Paiva Gonçalves, pai e filho, em Oftalmologia, Eustáquio Portella em Psiquiatria, Jarbas Porto em Dermatologia, Jorge e Jayme Marsillac em Oncologia, Jorge de Rezende em Obstetrícia, Lopes Pontes e Costa Couto em Clínica Médica e Gastroenterologia, Léa Camillo-Coura em Doenças Infecciosas, Luiz Vertzman, Nocy Honorato Leite e Jacques Houli em Reumatologia, o meu querido colega de turma Oswaldo Seabra em Imunologia, Yvon Rodrigues em Pediatria, Omar da Rosa Santos em Nefrologia, Mario Corrêa Lima em Clínica Médica e tantos outros, muitos dos quais foram ou são membros desta Casa, inclusive três ex-presidentes, que povoaram a sua brilhante mente com uma visão ampla das ciências médicas, básicas e aplicadas. Encantou-se pelo Lupus Eritematoso, sua origem auto-imune e repercussões sistêmicas, particularmente articulares quando estudou reumatologia, certamente pela influência dos seus mestres.

Encontrei Cláudio Ribeiro pela primeira vez no final da década de 1970, quando, como Diretor do Instituto Oswaldo Cruz, fui ao Instituto Pasteur em Paris, resolver uma pendência deixada pelo meu antecessor na Fiocruz, que havia encomendado um curso de imunohistoquímica em patologia infecciosa e a promessa de um convênio entre as duas instituições. Felizmente conseguimos resolver ambas as pendências. Em 1980 recebemos um grupo de bioquímicos e imunohistoquímicos franceses e fizemos no Instituto Oswaldo Cruz o referido curso e logo depois assinamos um convênio para formação de quatro micologistas no Instituto Pasteur, inclusive a Dr^a Fátima Cruz, hoje o braço direito de Cláudio Ribeiro, por ele fagocitada da micologia para a malária. Cláudio, com a sua criatividade, organizou um laboratório que intitulou provisoriamente de Micologia e Malária, cujas ligações, eu dizia jocosamente, estavam apenas na letra “M”. Aos poucos o foco em micologia foi diminuindo e finalmente o laboratório passou a se chamar “Laboratório de Pesquisas em Malária”. Cláudio tinha razão porque Fátima possuía uma formação em imunquímica que interessava a ele e hoje é uma malariologista que aplica, no Laboratório que criaram, os seus conhecimentos em biologia molecular. Esse é o Cláudio Ribeiro, que hoje tão bem conheço e tenho a honra de receber como Acadêmico e Amigo nesta Casa.

Naquela ocasião, em Paris, fui convidado pelo Cláudio para conhecer, no Hospital Pitié-Sapétrière, o Serviço do Professor Gentilini, que me recebeu com o carinho que dedicava ao seu discípulo, dizendo em seu inglês afrancesado “um brasileiro como Cláudio Ribeiro eu quero sempre comigo” em agradecimento ao elogio patriótico que fiz ao Cláudio, sem ainda conhecê-lo bem, com as informações que havia recebido de Bernardo Galvão, seu futuro Chefe de Departamento na Fiocruz. Gentillini me ofereceu com toda a sua equipe, um almoço no seu próprio serviço, o qual, mesmo em um hospital fez jus à culinária francesa. Antes do almoço, em uma rápida visita pelo seu serviço vi pela primeira e única vez a grande filária *Dracunculus medinensis* ou filária de Medina, que embora originária da África e da Ásia, houve no Brasil um pequeno foco, em Feira de Santana, Bahia, conhecida pelos médicos brasileiros como “bicho das costas”, trazido pelos escravos, o qual foi extinto com a abolição do tráfico negreiro. A minha grande curiosidade foi ver na vetusta e famosa Salpétrière a retirada da filária, cuja fêmea mede mais de um metro, com técnicas africanas: quando ela aflora do tecido subcutâneo onde vive, enrola-se a sua ponta em um pequeno cilindro de madeira e todos os dias, vagorosamente vamos puxando dois a quatro centímetros até extirpá-la totalmente sem quebrá-la, durante 30 a 50 dias.

Nesta visita à “la Salpétrière”, eu, que estava tentando repovoar o Instituto Oswaldo Cruz com novos talentos, convidei Cláudio Ribeiro, por indicação de Bernardo Galvão, para após o seu doutorado na França, integrar-se ao nosso Instituto. Em 27 de dezembro de 1983, seis dias após o seu doutoramento com a brilhante Tese: “A ativação policlonal das células B, a autoimunidade e a imunossupressão no curso da malária”, aprovada com menção “três honorable” na Faculdade de Medicina Saint-Antoine, da Universidade Pierre et Marie Curie, Paris VI, Cláudio estava no meu gabinete no Rio de Janeiro, com aquele calhamaço com quase 300 páginas, ao lado de Bernardo Galvão dizendo-me: “Aqui está a minha Tese” e o Galvão complementou: - “...agora queremos o emprego para ele, como você prometeu”. Com o ar de Diretor, com aquele

avental branco de Catedrático eu lhe disse com a mesma empáfia: “Você tem sorte. O meu filho Evandro, Engenheiro Eletricista nomeado pelo Presidente da Fiocruz, como Chefe do Setor de Manutenção de Equipamentos acaba de pedir demissão para fazer pós-graduação na COPEAD e eu vou transformar o seu cargo de tecnologista em um de pesquisador para nomear você. Bons tempos, três dias depois Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro era Pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz, em substituição ao meu filho primogênito, também nascido em agosto, como Cláudio. Poderia, portanto, considerá-lo como meu filho mais velho, mas em consideração ao meu amigo Ayrton e à minha própria vaidade de um jovem octagenário, o considero meu irmão mais jovem.

Cláudio Ribeiro é um brilhante pesquisador-acadêmico, formador de talentos, criativo e um grande comunicador. Formou-se em Medicina em 1976, fez internato no Hospital Graffrèe Guinle da UniRio, especialização em Medicina Tropical na Salpêtrière em Paris, onde também fez os seus trabalhos para o mestrado, doutorado e estudos avançados em imunohematologia e veio a se tornar um “Senior” no Instituto Oswaldo Cruz da Fiocruz, onde evoluiu por mérito, de Pesquisador Assistente a Pesquisador Titular, Chefe de Laboratório e do Departamento de Imunologia, até coroar a sua carreira como Diretor do Instituto. Cláudio fez, na Diretoria do Instituto Oswaldo Cruz, um programa ambicioso, propositivo e moderno, com as características do que posteriormente eu propus para esta Academia. Apesar dos percalços de ontem e de hoje que se repetem com as diferentes direções, o nosso Instituto e a Fiocruz como um todo continua o seu caminho vitorioso, porque tem muitas estrelas na nossa Instituição, como Cláudio Ribeiro e tantos outros. Certa vez, quando era Professor Titular na Universidade Federal Fluminense, assisti a uma polêmica entre o grande José Hilário, membro desta casa e meu grande amigo, com um reitor que pensava pequeno. O reitor disse-lhe: eu prefiro trabalhar com as formiguinhas a com as estrelas, referindo-se ao Hilário, que respondeu com a sua voz tronitoante: você com as formiguinhas vai fazer apenas formigueiros, mas com as estrelas poderia iluminar o céu. Assim continuamos a iluminar o céu como neste momento ele se ilumina com as estrelas do céu de Brigadeiro, tantas vezes vistas pelo aviador Ayrton Daniel-Ribeiro em seus vôos noturnos.

Em sua carreira acadêmica, com 33 anos de exercício na Medicina, 26 dos quais como pesquisador, Cláudio Ribeiro publicou 121 trabalhos completos, com uma invejável média de 4,6 trabalhos/ano, 292 comunicações em congressos nacionais e internacionais, com a incrível média de mais de 11 apresentações por ano, orientou 33 teses de doutorado, dissertações de mestrado ou monografias de graduação, coordenou disciplinas de pós-graduação, participou de diversas missões científicas no Brasil e no exterior e de 46 bancas examinadoras, organizou e participou de numerosas reuniões, destacando-se o Seminário anual sobre malária intitulado Seminário Laveran & Deane, que no próximo mês de setembro terá a sua 15ª edição. Por que Laveran & Deane? Laveran, médico militar francês, que descobriu o parasito da malária em 6 de novembro de 1880 e Deane, o grande malariologista brasileiro, incentivador do Cláudio e nosso amigo, que terminou a sua vida acadêmica como pesquisador “Senior” e mestre de todos nós no Instituto Oswaldo Cruz.

Cláudio Ribeiro é membro de diversos comitês nacionais e internacionais, destacando-se a sua situação atual de Vice-Presidente e Presidente Eleito da Federação Internacional de Medicina Tropical. Nesta condição, ele como Presidente da Comissão Científica e eu como Presidente, teremos a responsabilidade de organizar o 18º Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária, a ser realizado no Rio de Janeiro de 23 a 27 de setembro de 2012. Cláudio recebeu vários prêmios científicos destacando-se o Prêmio Sendas de Saúde de 1997, recebido em 1999 por indicação da Comissão composta pelo Conselho Curador composto pelos Professores Carlos Chagas Filho de saudosa memória, Clementino Fraga Filho e Darcy Fontoura. Enfim Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro é um Acadêmico e seu ingresso nesta Academia nos honra e enriquece.

Prometi a mim mesmo e ao Cláudio fazer um discurso curto, porque já foi dito, com uma discutível simplificação, que os discursos se dividem em dois tipos: os curtos e os ruins. Supostamente os mais longos correm os maiores riscos de serem considerados ruins, não no seu caso, que obrigatoriamente deverá ser mais prolongado. Por outro lado, nem sempre os mais curtos como este podem ser considerados bons, mas quase sempre incomodam menos aos desinteressados. Costumo dizer didaticamente para os meus alunos de pós-graduação, como estímulo à síntese, que quem não sabe dizer o que sabe em 15 minutos não sabe o que diz. Isso se aplica às comunicações científicas, não neste evento, onde procuramos, eu e o Cláudio, contar a história de uma vida, entre muitas com as quais convivemos.

Ao terminar estas breves palavras gostaria de cumprimentar o meu amigo Acadêmico Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro, não somente pelo seu belo currículo, que é uma decorrência da sua escolha profissional, mas pela sua maravilhosa família. Sua mãe que aprendi a admirar quando Cláudio me ofertou em seu nome, aquele lindo livro, “Minha Vida”, uma ode ao amor e à sua família, seu pai que conheci na Fiocruz, com a sua admirável solidariedade ao filho, quando ele atravessava um momento difícil, os seus irmãos Cássia, Regina, Marcus e Ayrton, que conheço apenas através das carinhosas referências feitas pelo Cláudio, Elizabeth e suas queridas filhas Carolina e Mariana, que lhes deram os netos Lucca, Pedro e Manuella, a sua esposa e minha querida amiga Patricia Brasil, de quem sou um grande admirador por sua postura como médica e como companheira do Cláudio e finalmente a sua filha Maria, cuja beleza e inteligência me induz a chamá-la Cleópatra Maria Brasil Daniel-Ribeiro.

Meu caro Acadêmico e Amigo Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

Sois um homem feliz; feliz no lar porque tendes uma família maravilhosa; feliz na profissão porque sois um vencedor e feliz na vida, porque esta casa de mais de 181 anos vos recebe de braços abertos como um dos mais queridos e competentes acadêmicos de vossa geração.

Sede bem vindo ao nosso convívio.

Ac. José Rodrigues Coura